



REDES SOCIAIS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DO IDOSO: ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DO CENÁRIO BRASILEIRO

Alisson Roberto Pirola¹; Ana Paula Machado Velho²; Sonia Cristina Vermelho³

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada no ano de 2011 da produção bibliográfica brasileira sobre o tema Redes Sociais Digitais. Os dados coletados são de artigos disponibilizados em base de dados digitais e teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação brasileiros e que estão disponibilizadas na base de dados do IBICT. O resultado mostra um aumento significativo sobre o tema, a partir de 2005, sendo que a distribuição entre as áreas e instituições é bastante concentrada. Conclui-se, ainda, que a produção necessita de investimentos de pesquisa interdisciplinar que possam subsidiar estratégias inovadoras para a comunicação e educação sustentadas por sistemas em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Educação; Pesquisa Bibliográfica; Promoção da Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz os resultados da primeira etapa da pesquisa realizada por dois grupos de pesquisa que se cruzaram num determinado contexto, numa mesma instituição. Um pesquisava a comunicação na era digital e outro a mídia educação. O encontro aconteceu quando os pesquisadores integraram o Mestrado em Promoção da Saúde, um programa interdisciplinar, que tem um projeto de pesquisa envolvendo educação e comunicação voltadas à promoção da saúde, que está inserido no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, na Linha de Pesquisa Promoção da Saúde e Envelhecimento Ativo. O projeto foi estruturado em duas etapas: a primeira de cunho bibliográfico e, a segunda, de campo. Em princípio, a ideia era conhecer o que vinha sendo dito sobre as redes ao longo dos últimos dez anos. Definimos que seria importante buscarmos fundamentos e experiências para propormos ações e produtos de comunicação-educação adequados para alcançar a população com informações sobre saúde. Esse levantamento inicial é o foco deste texto.

Para iniciar a exposição, é importante conceituar que a Promoção da Saúde é entendida como um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de

¹ Acadêmico do Curso de Sistemas de Informação do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – Paraná. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). alissonpirola@gmail.com

² Orientadora, Professora Doutora do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – Paraná. anapaula@cesumar.br

³ Co-orientadora, Professora Doutora do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá – Paraná. cristina.vermelho@gmail.com



sua qualidade de vida e saúde, com uma maior participação no controle do processo. A área entende que, para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o ambiente. Neste contexto, a saúde deve ser vista como um recurso para a vida e não como objetivo de viver. Portanto, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais, naturais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, na direção de um bem-estar global, mas também dos vários setores que atuam na dimensão formativa e informativa da população.

Tomando como base os documentos oriundos das conferências internacionais e regionais da área de Promoção da Saúde (OTTAWA, 1986, ADELAIDE, 1988, SUNDSVALL, 1991, JAKARTA, 1997, MÉXICO, 1999, e outras duas de caráter sub-regional em BOGOTÁ, 1992, e PORT OF SPAIN, 1993), o Brasil lançou, em 2006, o Plano Nacional de Promoção da Saúde, pois se tornou evidente a necessidade de configurar uma política pública capaz de atender aos desafios dos problemas de saúde da população. Com isso, na perspectiva dos documentos internacionais, a Promoção da Saúde visa o fortalecimento de uma política transversal, integrada e intersetorial, que promova o diálogo entre vários setores, não exclusivamente o setor da saúde, mas também com a sociedade, compondo redes de compromisso e corresponsabilidade na formulação de propostas e ações para garantir a qualidade de vida da população. Como afirma o documento brasileiro, para isso deve haver uma articulação “(...) sujeito/coletivo, público/privado, estado/sociedade, clínica/política, setor sanitário/outros setores, visando romper com a excessiva fragmentação na abordagem do processo saúde-adoecimento e reduzir a vulnerabilidade, os riscos e os danos que nele se produzem” (BRASIL, 2006, p. 15).

A política de Promoção da Saúde também propõe que cada um desenvolva suas habilidades pessoais, ação essa alicerçada na divulgação de informação e educação para a saúde. Com isso, o que se espera é que aumentem as opções de circulação de informações para que a população possa exercer maior controle sobre sua própria saúde e adote hábitos de vida mais saudáveis.



2 O IDOSO E CONTEMPORANEIDADE

A partir deste “pano de fundo”, o grupo de pesquisa vinculado ao mestrado propôs uma linha de atuação voltada para a criação de estratégias que levassem a promoção da saúde do idoso, por meio de ações nas redes sociais. Esses espaços digitais estão atingindo, a partir de ações em diversos setores, um público que vêm crescendo significativamente na internet no Brasil e no mundo. O nosso país vem apresentando um novo padrão demográfico que se caracteriza pela redução da taxa de crescimento populacional e por transformações profundas na composição de sua estrutura etária, com um significativo aumento do contingente de idosos. Um estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) revelou que o número de idosos já chega a mais de 20 milhões de pessoas.

Segundo informações divulgadas pelo IBGE (2010), a representatividade de todas as faixas abaixo de 25 anos é menor em 2010 se comparada ao censo de 2000, ao passo que os demais grupos etários aumentaram na última década. O alargamento do topo da pirâmide pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8%, em 1991, passando a 5,9%, em 2000, e chegando a 7,4%, em 2010. Isso significa que aumentou a população adulta, com destaque para a participação da população idosa. E a Região Sul é uma das mais envelhecidas do País, ao lado da região Sudeste, com um contingente de idosos com 65 anos ou mais de 8,1%.

O rápido processo de envelhecimento da população brasileira se dá em razão da transição de uma situação de alta mortalidade e alta fecundidade, para uma de baixa mortalidade e gradualmente baixa fecundidade como justificam as projeções estatísticas para os próximos anos. Tal mudança se configura num desafio para as autoridades sanitárias, especialmente para a implantação de novos modelos e métodos para o enfrentamento do problema.

O idoso consome mais serviços de saúde, as internações hospitalares são mais frequentes e o tempo de ocupação do leito é maior do que o de outras faixas etárias sem que isto se reverta em seu benefício. Em geral, as doenças dos idosos são crônicas e múltiplas, perduram por vários anos e exigem acompanhamento médico e de equipes multidisciplinares permanentes e internações frequentes. A maioria dos quadros de dependência desta população está associada a condições crônicas que podem ser adequadamente manipuladas, muitas vezes, fora de instituições hospitalares ou asilares (BRASIL, 2006).



Em outras palavras, essa transição demográfica repercute na área da saúde, em relação à necessidade de (re)organizar os modelos assistenciais e de prevenção. Por isso, foram reforçadas as ações em favor deste grupo, o que se reflete na Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, que tem como foco recuperar, manter e promover a autonomia e a independência dos indivíduos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim, em consonância com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde.

O desafio é proporcionar um processo de envelhecimento de forma saudável, ativa e livre de qualquer tipo de dependência funcional. Entre as medidas que são estimuladas estão: a) a facilitação da participação das pessoas idosas em equipamentos sociais, grupos de terceira idade, atividade física, conselhos de saúde locais e conselhos comunitários onde o idoso possa ser ouvido e apresentar suas demandas e prioridades; b) promover a participação nos grupos de convivência, com ações inovadoras de informação e divulgação sobre a atenção à saúde da pessoa idosa em diferentes linguagens culturais; c) identificar, articular e apoiar experiências de educação popular, informação e comunicação em atenção à saúde da pessoa idosa.

Nestes dois últimos itens, está inserida uma ação crucial para o grupo do mestrado que é a inserção digital e o acesso deste grupo ao ambiente virtual. Sabe-se que experiências que relacionam envelhecimento e a inclusão digital vêm se dando em todos os níveis. Embora ainda sejam raros, existem programas que oferecem cursos de informática para idosos que costumam ter demanda significativa em instituições não governamentais e nas Universidades Abertas à Terceira Idade. Esse acesso da população idosa à era digital possibilita a manutenção de seus papéis sociais, do exercício de cidadania, da autonomia e da participação em uma sociedade dinâmica e complexa, já que faz com que o sujeito idoso mantenha a mente ativa e, por consequência, saudável. Os idosos estão acessando de forma cada vez mais frequente as páginas de redes sociais, sites e blogs, as ferramentas de circulação de informação da contemporaneidade.

Para Lemos (2003), este momento é caracterizado pela cibercultura, que se consolidou entre as décadas de 1980 e 1990 com a informática de massa e a popularização da internet, que ganhou força após a criação da *World Wide Web* (WWW), em 1991. Essas novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a



comunicação mais flexível. Com apenas um clique, qualquer pessoa pode acessar uma informação específica e manter contato com outras que estão distantes.

Os idosos não são lá o foco principal da cultura digital ou cibercultura. O Facebook, por exemplo, foi criado em 2004 com foco nos mais jovens e nem dispõe de estatísticas por faixa etária. Porém, a terceira idade está cada vez mais presente no ambiente digital. Em 2009, uma pesquisa da Nielsen divulgou que o número de idosos (acima de 65 anos) usando a web, havia aumentado em 6 milhões nos últimos 5 anos, fechando o mês de novembro daquele ano, em 17,5 milhões. A metade dos idosos visitou o Facebook ou o YouTube (ROITMAN, 2009). Naquela época, o público sênior representava apenas 5% dos acessos à internet, mas, no fim de 2011, o índice chegou a 7%. No entanto, segundo a última edição do estudo “O Painel Brasil Data Sênior”, feito pelo Somatório Pesquisa (BRASIL, 2011), 16% deles estão inseridos no universo da informática. Apesar de 34% das pessoas da terceira idade terem computador com acesso à internet em casa. Os serviços, como notícias, bancos, e-mail e sites ligados a viagens, são os mais utilizados pelos consumidores da terceira idade, com 78%, seguidos pelo e-commerce (72%). 71% declaram acessar redes como Facebook, Twitter e Orkut.

Este grupo está à procura de tecnologias que permitam se manter envolvidos, independentes, bem e ativos. Através das redes sociais, os idosos podem fazer uma nova lista de contatos estabelecendo relações, compartilhando links, fotos, notícias, vídeos e até as experiências da vida. Há também a possibilidade de encontrar amigos, parentes com quem perderam contato. E mais: a terceira idade investe nessas relações. Ao contrário dos mais jovens, constroem laços mais fortes, porque os canais de comunicação diminuem e a dispersão na frente da internet é menor, tornando gratificante o uso de alguma rede social, com a qual se identifique mais.

Desta forma, os idosos, a cada dia, se inserem mais num modelo de comunicação que se dá em equipamentos que operam por meio da convergência de mídias. É a tradução da tecnocultura, definida por Muniz Sodré (2005, p.13), um processo em que as trocas simbólicas que viabilizam a comunicação de qualquer natureza são mediadas por signos estritamente vinculados à evolução tecnológica.

É importante também lembrar que esse cenário é alicerçado na ideia da participação (KOTTLER, 2010). Em decorrência do fácil acesso às informações e às tecnologias de comunicação, as pessoas passaram a ter mais liberdade para expressar suas opiniões, podem participar de forma ativa dentro das mobilizações e trocar



informações constantemente. Este cenário coloca o desafio para os profissionais da comunicação que precisam não só proporcionar experiências empolgantes para o público, mas também buscar a transformação da sociedade.

Além das questões de cunho social, destacamos que o Brasil é o quinto país no ranking mundial, onde as pessoas mais procuram orientações sobre saúde na internet. O dado foi revelado numa pesquisa da Bupa Health Pulse, publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2011. Entre os países pesquisados - Brasil, Austrália, Grã-Bretanha, China, França, Alemanha, Índia, Itália, México, Rússia, Espanha e Estados Unidos – foi identificado que 81% das pessoas que têm acesso à internet usam a rede para obter orientações sobre saúde, remédios ou condições que necessitem cuidados médicos. Em função desses e outros aspectos é que definimos que a plataforma mais adequada às ações de Promoção da Saúde dos idosos são as Redes Sociais Digitais.

3 CONCEITO DE REDES SOCIAIS

Entrar neste universo digital nos levou a uma questão de cunho conceitual, que nos trouxe uma série de problemas operacionais, mas, por outro lado, nos possibilitou realizar um aprofundamento acerca do uso do termo “Redes Sociais”. Aliás, um dos primeiros desafios do grupo foi lidar com o conceito de Redes Sociais. O termo tornou-se palavra na ordem do dia em termos de tecnologia da informação e comunicação. Seu uso transcorreu áreas e destruiu fronteiras sendo apropriado hoje por muitos atores sociais. Uma das apropriações mais intensas deu-se no campo da comunicação, mas não exclusivamente. Rede social, mídia social, mídia, afinal, qual o termo, conceito que melhor expressa o fenômeno em questão? Diante da indefinição, fomos buscar o conceito.

Frente à complexidade e diversidade conceitual e, também, prática em torno do que seja a nova configuração tecnológica da internet e seu impacto nos processos comunicacionais, discutida por inúmeros autores (LEMOS, 2003; HARVEY, 1994; BRANCO E MATSUZAKI, 2009; BENKLER, 2006; THEVENO, 2007; GREYSEN, KIND E CHRETIEN, 2010; KAPLAN e HAENLEIN, 2010; SCHROCK, 2009; KIETZMANN ET AL., 2011; PRETTO E SILVEIRA (2008), o grupo de pesquisa compreendeu que o conceito que melhor expressa o aparato tecnológico e os processos comunicacionais realizados a partir dessa base física está sob a rubrica de “Rede Social Digital”. Aliás, numa pesquisa informal junto aos pesquisadores espalhados pela Europa e Estados Unidos, com os



quais o grupo de pesquisa tem relações, vê-se que este é o termo mais corrente. É adotado em nos países da América Latina, Portugal, França e Espanha. Nos Estados Unidos é que mais comumente as redes são chamadas de *social media*. Porém, encontra-se também na literatura o termo *social networks*. “Mídia Social” ou *sosiaalinenmedia*, também utilizado na Finlândia e na Alemanha.

Desta forma, por Rede Social Digital entendemos como a macroestrutura tecnológica que dá suporte a um conjunto de atores sociais (sujeitos e instituições) conectados por **laços sociais** (BATISTA, 2012; RAHME, 2010; FREUD, 1976, 1997), os quais são formados, mantidos e reforçados (ou não) por meio de **interações sociais** (VYGOTSKY, 1989, 1987; BAKHTIN, 1988; LURIA, 1987). As interações são concretizadas, realizadas dentro de uma relação de troca de conteúdos. Estes conteúdos podem ser criados pelas mais diferentes linguagens disponíveis no formato digital: textual, sonora, audiovisual e imagética. Essas ferramentas potencializam a manutenção e a expansão dos laços sociais, além de ajudar a visualizar as redes de relacionamento das quais cada sujeito faz parte.

Desta forma, o projeto de pesquisa do mestrado está voltado para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde para o público idoso com o uso das redes sociais digitais. Do ponto de vista metodológico e operacional, definimos que a primeira etapa da pesquisa seria realizar um levantamento do “Estado da Arte” sobre o que vinha sendo pesquisado e proposto em termos de uso das redes sociais digitais para a promoção da saúde para o idoso. O resultado está nas linhas abaixo.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A primeira etapa da pesquisa que descrevemos neste artigo é de cunho quanti-qualitativo, do tipo bibliográfico, com a utilização da técnica de análise de conteúdo. A natureza do material bibliográfico analisado é de artigos, teses e dissertações.

Para o desenvolvimento, propusemos os seguintes procedimentos: identificar os textos a serem lidos do período de 2001 a 2010 em bases de dados digitais; selecionar os textos pelos títulos, fazer a leitura integral dos artigos, identificar as categorias descritivas e analisar o material pesquisado. Além das duas pesquisadoras, o grupo ainda contou com dois bolsistas de iniciação científica do curso de Sistemas de Informação.



A definição da metodologia para o levantamento dos dados mostrou-se um processo bastante complexo. Após analisar alguns trabalhos com objetivos semelhantes (ROCHA, 1999; MESSINA, 1998; FERREIRA, 2002; ANDRÉ & ROMANOWSKI, 1999 E 2002, VERMELHO & AREU, 2005), estabelecemos que os artigos seriam lidos na íntegra, porque nem sempre artigos de periódicos possuem resumos. Também ficou definido na metodologia que todos os textos a serem analisados deveriam estar disponíveis na internet: os artigos em periódicos, as teses e as dissertações. Como a pesquisa está inserida no campo da Promoção da Saúde, incluímos todas as bases de dados da área que tínhamos disponíveis na instituição. Com isso, as bases pesquisadas para a seleção dos artigos foram: Biblioteca Virtual da Saúde, Lilacs, IBESCS, MedLine, Scielo, CESUMAR, UEM, Portal da CAPES. O resultado total encontra-se na Tabela 1.

TABELA 1 - Resultados com os totais de artigos encontrados nas buscas por palavra-chave nas bases de dados digitais

Plataforma	Educação	Comunicação	Tecnologia da Informação	Promoção da Saúde	Redes Sociais	WEB 2.0	TOTAIS
Biblioteca Virtual em Saúde	413.003	172.882	3.430	61.559	1.288	-	652.162
Lilacs	25.938	6.411	461	7.112	422	-	40.344
IBESCS	2.550	795	63	446	69	-	3.923
MedLine	354.153	161.278	2.282	44.847	523	-	563.083
Scielo	10.842	2.737	84	430	76	7	14.176
Cesumar	207	48	14	15	5	10	299
UEM	500	173	43	88	18	22	844
CAPES	17.093	4.482	227	1.118	204	474	23.598
TOTAIS	824.286	348.806	6.604	115.615	2.605	513	1.298.429

Para as buscas, definimos as seguintes Palavras-Chaves: Educação, Comunicação, Tecnologia da Informação, Promoção da Saúde, Redes Sociais e Web 2.0. A escolha dessas palavras-chave deu-se fundamentalmente pela impossibilidade de utilizar somente o termo “Redes Sociais”. A busca pelo termo trouxe um resultado muito distinto daquele que gostaríamos de obter, uma vez que na área da saúde as “redes sociais” compreendem estratégias de atuação dos profissionais em comunidades, sem necessariamente significar qualquer vínculo com o uso de tecnologia. Com isso, optamos por ampliar os termos de busca para tentar identificar artigos que tivessem relação com nosso tema de pesquisa: o uso das redes sociais digitais com o público idoso para ações de educação em saúde ou comunicação em saúde. O resultado das buscas por palavras-chave nas bases de dados digitais foi o seguinte:



A quantidade de artigos selecionados foi enorme e diante da impossibilidade de analisar esse volume, realizamos cruzamento com as palavras-chave por meio do conectivo +, cujo resultado encontra-se na Tabela 2.

Com esse resultado, fizemos uma análise numa amostra aleatória dos títulos dos artigos encontrados nos cruzamentos com maior número de indicações (linhas 1, 3 e 7); identificamos, novamente, que não atendiam aos objetivos da pesquisa. Diante da dificuldade encontrada, definimos por recortar a pesquisa em torno dos termos de busca das linhas 4, 8, 11 e 13, mais de acordo com nossos objetivos de pesquisa.

TABELA 2 - Resultados dos cruzamentos realizados nas buscas por palavra-chave nas bases de dados digitais

N.	TERMOS DE BUSCA	BVS	Lilacs	IBESC	MedLine	Scielo	Cesumar	UEM	CAPES	Total
1	Educação + Comunicação	8363	765	32	7020	489	8	22	784	17483
2	Educação + Tecnologia da Informação	243	63	7	141	3	4	6	23	490
3	Educação + Promoção da Saúde	6921	1359	62	4249	156	5	18	262	13032
4	Educação + Redes Sociais	111	36	4	28	4	0	3	16	202
5	Educação + Web 2.0	0	0	0	0	3	1	1	8	13
6	Comunicação + Tecnologia da Informação	335	83	8	195	13	4	15	52	705
7	Comunicação + Promoção da Saúde	1408	265	5	982	38	0	4	59	2761
8	Comunicação + Redes Sociais	55	17	1	29	5	1	3	22	133
9	Comunicação + Web 2.0	0	0	0	0	1	4	4	5	14
10	Tecnologia da Informação + Promoção da Saúde	28	8	1	11	0	0	0	0	48
11	Tecnologia da Informação + Redes Sociais	8	4	2	1	0	0	0	4	19
12	Tecnologia da Informação + Web 2.0	0	0	0	0	0	4	2	0	6
13	Promoção da Saúde + Redes Sociais	64	40	0	5	1	0	4	2	116
14	Promoção da Saúde + Web 2.0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	Redes Sociais + We 2.0	0	0	0	0	0	1	0	3	4
	Total	17536	2640	122	12661	713	32	82	1240	35026

Os 470 artigos foram analisados pelos títulos e palavras-chave e, destes, criamos uma listagem de 101. Estes foram lidos na íntegra e analisados. A última seleção gerou uma lista de 49 artigos. Após essa etapa, o material foi lido e catalogado através de instrumento de pesquisa na forma de Ficha Catalográfica, desenvolvido por Vermelho e Areu (2003), o que nos proporcionou realizar a codificação e categorização do seu conteúdo.

A análise de conteúdo, segundo Gibbs (2009), é um processo analítico fundamental para pesquisas desta natureza, e basicamente consiste em identificar um ou mais passagens do texto que exemplifiquem alguma ideia temática para identificá-la a um conjunto de códigos, os quais, posteriormente, permitem uma referência taquigráfica a uma ideia temática. Os dados de análise de conteúdo foram digitados em planilhas no Excel e, posteriormente, importados para software estatístico Sphinx Lexica V 5.0, o qual



foi utilizado para analisar o conjunto da produção, ou seja para realizar a análise léxica e de conteúdo de forma automatizada segundo a metodologia proposta por Gibbs (2009).

Em relação às teses e dissertações, o levantamento foi feito exclusivamente no site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na base de dados Biblioteca Digital Brasileira e Teses e Dissertações (BDTD), em outubro de 2011. A pesquisa foi no modo Pesquisa Básica, com a palavra-chave “Redes Sociais” e encontrou 4.923 trabalhos. O número excessivo de trabalhos nos obrigou a realizar nova busca acrescentando o adjetivo “Digital”. O resultado foi uma lista de 133 trabalhos, dentre os quais selecionamos 115 após a leitura dos títulos e resumos. Na Tabela 3, encontra-se a distribuição por tipo de trabalho.

TABELA 3 - Distribuição do número de trabalho por tipo

Tipo de Trabalho	Freq.	%
Dissertação	86	74,80%
Tese	29	25,20%
TOTAL OBS.	115	100%

Antes de passar aos resultados da pesquisa, vale a pena ressaltar os problemas encontrados ao longo da mesma. Certamente, a maior dificuldade foi localizar os trabalhos que tivessem aderência ao tema. Isso se deu, fundamentalmente, pelo fato de que o cadastramento dos trabalhos nas bases de dados seguem padrões distintos. No caso das teses e dissertações, tentamos realizar buscas em sites das universidades, tais como o da USP, UFRGS, UNICAMP etc. Contudo, a estrutura dos metadados das respectivas bases inviabilizou um tratamento homogêneo às buscas. Em cada uma dessas instituições, existem dados distintos sobre os trabalhos e, mesmo em termos de tecnologia, as permissões para os acessos são distintos e trazem dados diferentes. Isso fez com que optássemos por realizar a coleta de dados somente na base de dados do Governo para garantir uma uniformidade na pesquisa, mesmo sabendo que isso poderia implicar em excluir inúmeros trabalhos sobre o tema armazenados nas bases de dados das instituições. Isso porque sabemos que algumas não enviam com grande rapidez os trabalhos defendidos em seus respectivos programas de pós-graduação. Portanto, devem existir teses e dissertações sobre o tema, defendidas dentro do período pesquisado, mas que, até agora, não estão na base do IBICT.



Quanto aos artigos, a situação foi ainda mais complexa. Os termos de busca definidos para a pesquisa “Redes Sociais Digitais” nem sempre aparecem nos itens de indexação dos mesmos. Estes aspectos apontam um problema recorrente em termos de base de dados digitais. Existe uma recomendação para que se utilize padrões e normas para a indexação de objetos digitais para que eles possam atender às necessidades da sociedade atual e garantir sua manutenção e democratização. Esses padrões estão definidos na ISO 15.836/2003 e ISO 15.836/2009 e, no Brasil, por meio do documento da “Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital”, de 2004 (MALARD, 2004). A falta dessa padronização dificulta enormemente as pesquisas em torno dos materiais disponíveis na rede internet. Com isso, sua recuperação para outros trabalhos e pesquisas pode tornar quase impossível de ser realizada. Diante de aumento exponencial que a rede tem alcançado em termos de repositórios de dados e objetos, a diversidade de indexação destes objetos cria uma dificuldade enorme para o pesquisador que pretende buscar os dados a partir de um conjunto de palavras-chave. Ainda que tenhamos consciência das dificuldades para essa padronização, uma vez que não existe controle sobre o que é publicado na internet, consideramos fundamental registrar esses problemas para que, futuramente, possamos melhorar o contexto para as pesquisas de Estado da Arte da produção científica brasileira.

5 PERFIL DOS ARTIGOS E DEMAIS TRABALHOS PUBLICADOS NA INTERNET

Escolhemos para esse artigo, os dados do instrumento de coleta que definem o perfil da produção bibliográfica sobre “Redes Sociais Digitais”, entre os anos de 2001 a 2011. O instrumento era formado por 21 campos, entre questões abertas e fechadas.

Na Tabela 4, apresentamos os resultados, em termos de distribuição.



TABELA 4 - Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por ano de publicação

Ano	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
2000	1	2,00%	-	-
2001	-	-	1	0,90%
2002	1	2,00%	1	0,90%
2003	1	2,00%	3	2,60%
2004	9	18,40%	5	4,30%
2005	2	4,10%	6	5,20%
2006	4	8,20%	9	7,80%
2007	3	6,10%	13	11,30%
2008	2	4,10%	19	16,50%
2009	7	14,30%	18	15,70%
2010	14	28,60%	16	13,90%
2011	5	10,20%	21	18,30%
TOTAL	49	100%	115	100%

Os dados nos permitem visualizar um aumento gradativo de teses e dissertações sobre o tema a partir da metade dos anos 2000, sendo que os artigos aparecem com aumento maior em 2009, tendo um pico isolado no ano de 2004. É importante lembrar que esse período foi marcado por alguns acontecimentos que acreditamos ter contribuído para ascensão desse tema, tais como: a criação do Orkut; a proliferação da web 2.0, que proporciona a troca de informações entre indivíduos; e a popularização da ADSL. É certo que, em termos de pesquisa na pós-graduação, o ano de 2004 marca um crescimento contínuo de trabalhos sobre o tema. Se a quantidade de artigos não reflete o mesmo crescimento, isso pode ser atribuído, entre outras coisas, à dificuldade de acesso aos mesmos; à dispersão em termos de veículo onde eles foram publicados; por terem sido publicados em outra língua; ou mesmo, não terem no título, palavras-chave ou resumo o termo “redes sociais” com ou sem o adjetivo “digitais”.

Quanto ao tipo de estudo, ilustrado na Tabela 5 (abaixo) viu-se que, nos artigos, houve a predominância das sistematizações teóricas, enquanto nos textos das teses e dissertações houve uma leve preponderância das pesquisas de campo. Podemos inferir que o fato de aparecer um número maior de trabalhos teóricos nos artigos se dê em função da falta de identificação do método utilizado na pesquisa que originou o texto. Nem todos os periódicos e nem todas as áreas do conhecimento exigem para publicação um tópico descrevendo a metodologia da pesquisa. Isso é um problema da produção bibliográfica brasileira em algumas áreas e que também foi identificado na pesquisa realizada por Vermelho e Areu (2005).



TABELA 5 - Distribuição quanto tipo de pesquisa realizado e descrito nos Artigos e Teses/Dissertações

Estrutura da pesquisa	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Pesquisa de campo	8	16,30%	69	60,00%
Sistematização Teórica	41	83,70%	46	40,00%
TOTAL OBS.	49	100%	115	100%

Quanto à área de produção dos textos, o panorama da produção está descrito na Tabela 6 (abaixo). Em ambos os tipos de trabalho, as áreas predominantes foram a Educação e a Comunicação. As duas correspondem a quase metade da produção sobre o tema. Interessante observar que as áreas das ciências humanas e sociais aplicadas tenham se debruçado sobre o tema em relação à área de ciências exatas, a qual é a criadora das ferramentas de suporte das redes sociais digitais.

Também procuramos analisar, da produção levantada, qual aspecto estudado das redes sociais. É importante ressaltar que o grupo de pesquisa discutiu longamente sobre a forma como faria a análise do conteúdo propriamente dita dos textos, dos assuntos, temas, sujeitos etc. Como a leitura seria realizada por diversas pessoas, definimos algumas variáveis que nos interessavam particularmente. Por exemplo, interessava ao grupo saber se os textos tratavam da relação do sujeito com a rede social, ou o impacto que a mesma traria, ou os usos das redes e da motivação que as pessoas teriam para utilizá-la. Portanto, para uniformizar a leitura dos integrantes da pesquisa, criamos um campo específico o qual intitulamos “Aspectos analisados da Rede”. Na Tabela 7, apresentamos os resultados desse item.



TABELA 6 - Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por área de investigação

Área da Ciência	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Ciências da Comunicação	10	20,40%	29	25,20%
Educação	10	20,40%	30	26,10%
Antropologia	7	14,30%	2	1,70%
Ciência da Informação	7	14,30%	13	11,30%
Ciências da Saúde	6	12,20%	2	1,70%
Ciência Política	3	6,10%		
Ciências da Computação	3	6,10%	15	13,00%
Linguística	2	4,10%	2	1,70%
Sociologia	1	2,00%	0	0%
Administração	0	0%	5	4,30%
Artes Visuais	0	0%	6	5,20%
Ciências Sociais	0	0%	3	2,60%
Design	0	0%	1	0,90%
Engenharias	0	0%	2	1,70%
Geografia	0	0%	1	0,90%
Letras	0	0%	1	0,90%
Psicologia	0	0%	3	2,60%
TOTAL OBS.	49	100%	115	100%

TABELA 7 - Distribuição do número de Artigos e Teses/Dissertações por aspecto analisado em relação a rede social

Aspecto analisado em torno da Rede Social	Artigos		Teses e Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Não se enquadra	-	-	58	50,40%
Impacto social/psicológico do uso/consumo da Rede	22	44,90%	22	19,10%
Motivação para uso/consumo da Rede	6	12,20%	8	7,00%
Relação do sujeito com a Rede	18	36,70%	26	22,60%
Uso da Rede	27	55,10%	25	21,70%
TOTAL OBS.	49		115	

A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas (4 no máximo).

Vê-se que os interesses que predominaram nos trabalhos analisados dizem respeito ao uso que se faz das redes sociais, o impacto social e/ou psicológico do uso da rede social, bem como da relação do sujeito com a mesma. Isso é coerente se pensarmos que as áreas com mais publicações foram as ciências humanas e sociais aplicadas. Também é importante frisar que as análises em torno do impacto dessa mídia, seja social



ou psicológico para o sujeito, também ocupou lugar de destaque entre os artigos. No caso das teses e dissertações, devido à diversidade de áreas (vide Tabela 7), metade delas trataram de outros aspectos além dos que nos interessavam.

Em relação especificamente às teses e dissertações, apresentamos a distribuição entre as Instituições que desenvolveram as pesquisas. Foram 28 instituições citadas, sendo 12 da região Sudeste, 7 instituições da região Sul, 6 da região Nordeste e 3 da região Centro-Oeste. Já de imediato é possível observar uma predominância das produções localizadas nas regiões sudeste e sul não só em termos de quantidade, mas também em termos de número de textos encontrados (Tabela 8). Em outras pesquisas realizadas com base nacional (VERMELHO & AREU, 2005) o mesmo quadro foi identificado para um período de análise dos anos 1982 a 2002. Naquele momento, as pesquisas foram feitas nas áreas de educação e comunicação e suas variantes teórico-metodológicas (Tecnologia da informação e comunicação na educação, Mídia educação, Educomunicação, Pedagogia da comunicação, da mídia etc.). O quadro se repetiu em relação ao tema de pesquisa redes sociais digitais, mostrando que ainda permanece, na produção teórica brasileira, uma divisão entre as regiões, com forte adensamento naquelas (S e SE), onde também se concentra o maior número de programas de pós-graduação.

TABELA 8 - Distribuição das Teses/ Dissertações por Instituição de origem

Instituição de origem	Freq.	%
PUCSP	20	17,40%
USP	16	13,90%
UFRGS	15	13,00%
UNICAMP	9	7,80%
UFMG	8	7,00%
UFC	5	4,30%
UFBA	4	3,50%
UFPB	4	3,50%
PUCRS	4	3,50%
UNB	3	2,60%
UDESC	3	2,60%
UNISINOS	3	2,60%

Além das universidades citadas na tabela, aparecem UCB, UFPE, PUCRIO, UFRJ e Mackenzie, com dois trabalhos. Com apenas 1 trabalho aparecem: UFGO, UFAL, U.Católica de Salvador, UFSC, U.Caxias do Sul, UTFPR, UTP, Soc.Educ. Braz Cubas,



UERJ, UESC, UNIMESP. Considerando as três instituições com maior número de produções encontradas, a PUCSP apresentou 12 pesquisas sobre o tema na área de Ciências da Comunicação, a USP com 5 trabalhos na área de Ciências da Informação e 6 na área de Ciências da Computação; e, a UFRGS predominou nas áreas de Ciências da Computação com 3 trabalhos e Educação com 5. Ainda que a Educação tenha aparecido como uma das áreas de maior produção, a mesma encontra-se distribuída pelas inúmeras instituições que aparecem na pesquisa.

E, finalmente, em relação aos sujeitos tratados nos textos, o resultado está na Tabela 9. É importante salientar que por sujeito compreendemos a pessoa, instituição, teoria, sistema, ferramenta etc., de quem o do que foram extraídos os dados ou informações para a composição do texto.

TABELA 9 - Distribuição quanto aos sujeitos identificados nos artigos e Teses/Dissertações

Sujeito	Artigos		Teses/Dissertações	
	Freq.	%	Freq.	%
Jovens	19	38,80%	17	14,80%
Rede Social	12	24,50%	20	17,40%
Cibercultura	10	20,40%	21	18,30%
Produção Cultural	5	10,20%	1	0,90%
Sistemas de Informação	5	10,20%	16	13,90%
Educadores	4	8,20%	7	6,10%
Políticas Governamentais	3	6,10%	6	5,20%
Instituições	1	2,00%	2	1,70%
Produção Teórica	2	4,10%	4	3,50%
Profissional de Outras Areas	1	2,00%	7	6,10%
Meio Ambiente	1	2,00%	0	0%
Alunos	0	0%	8	7,00%
Internet/Ferramentas de Interação	0	0%	8	7,00%
Sistemas de Comunicação	0	0%	7	6,10%
Educação	0	0%	3	2,60%
Sociedade	0	0%	3	2,60%
Mulheres	0	0%	2	1,70%
Idosos	0	0%	1	0,90%
Empresas	0	0%	1	0,90%
Comunidades Carentes	0	0%	1	0,90%
Gestores Públicos	0	0%	1	0,90%
Agentes de Saúde	0	0%	1	0,90%
TOTAL OBS.	49		115	

Com base nisto, definimos a priori alguns sujeitos que entendemos serem fundamentais para nossos propósitos, quais sejam: Rede Social Digital (discriminando qual delas), Crianças, Jovens, Adolescentes, Educadores, Idosos, Meio Ambiente,



Profissionais de outras áreas. Exceto esses que constavam no instrumento, os demais foram anotados em campo específico e tabulados quantitativamente.

Dentre os artigos analisados, os jovens foram sujeitos em 38% deles e 14,8% nas teses e dissertações. O segundo sujeito mais focado são as redes sociais para ambos os tipos de trabalho, com 24,5% dos artigos e 17,4% das teses e dissertações. Entre os sujeitos que constavam no instrumento, somente Rede Social e Jovens apareceram com percentuais significativos, os demais - Adolescentes, Educadores, Idosos, Meio Ambiente, Profissionais de outras áreas - foram pouco tratados na produção analisada. Existe certa coerência em relação à análise dos sujeitos, tendo em vista que as maiores preocupações nas pesquisas foram os usos das redes e a relação do sujeito (predominantemente jovem) com a rede, do ponto de vista das áreas das ciências humanas e sociais aplicadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica, então, o alerta de que há uma séria demanda pelo desenvolvimento de pesquisas que possam subsidiar o aparecimento de processos de comunicação que estejam em sintonia com as novas perspectivas de rede para os idosos. Ficou claro que há áreas carentes de reflexões, especialmente, se o objetivo do pesquisador for utilizar as redes sociais para educar e promover a saúde do público da terceira idade. Ou seja, carecemos de muita pesquisa de base envolvendo as redes e os sujeitos em processo de envelhecimento.

É nesta perspectiva que estamos apostando, além de investirmos também num trabalho interdisciplinar. O fato de, nós, pesquisadores, termos origem em uma diversidade de áreas não foi nenhum empecilho para trabalharmos juntos de forma exitosa. Ao contrário: foi (e vem sendo) fundamental para o sucesso das pesquisas que realizamos juntos no campo interdisciplinar da Promoção da Saúde.



REFERÊNCIAS

- ANDRE, M., Romanowski, J. (2002). O tema formação de professores nas dissertações e teses (1990-1996). In: Formação **de Professores no Brasil**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002, v.1, p. 17-156.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Notas sobre a reflexão sociológica da psicanálise**. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/04/textos/A%20reflex%C3%A3o%20social.pdf>. Acesso em: 10.08.2012.
- BENKLER, Y. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom**. New Haven and London: Yale University Press. 2006.
- BERGAMIM JR., Giba (2012). **Redes sociais viram aliadas da terceira idade contra solidão.05/03/2012. Folha de S. Paulo**.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. Teoria Geral dos Sistemas. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BRANCO, C. F. e MATSUZAKI, L. **Olhares da Rede**. São Paulo: Momento Editorial. 2009. Disponível em: <http://www.culturaderede.com.br>. Acesso: 3 de dez. 2011.
- BRASIL DATA SÊNIOR (2011). Somatório Pesquisas e Informação. São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.brasildatasenior.com.br/>. Acesso em 28 ago 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção Da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL, 1999. Portaria do Gabinete do Ministro de Estado da Saúde de nº 1395, de 9 de Dezembro de 1999, que aprova a **Política Nacional de Saúde do Idoso** e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, nº 237-E, pp. 20-24,, seção 1, 13 dez 1999.
- BRASIL. Portaria do Gabinete do Ministro do Estado da Saúde de nº 2.528, de 19 de outubro de 2006b, que aprova a **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2006.
- CHAIMOWICZ, Flávio. **A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.31, n.2, 1997.
- FERREIRA, N. (2002). **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 79, ago. 2002.
- FREUD, Sigmund **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Edição Standart Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1921].



GIBBS, G. (2009) **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed.

GREYSEN S.R., Kind T., Chretien K.C. Online Professionalism And The Mirror Of Social Media. **Gen Intern Med**. 2010 Nov; 25(11):1227-9. Epub, 2010 Jul 15. [Pubmed - Indexed For Medline].

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 4ª ed. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais**, 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em www.ibge.gov.br, acesso em 19 de maio de 2010.

KAPLAN, A. M. and HAENLEIN, M. **Users of the world, unite!** The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons*, 53 (1), 2010. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0007681309001232>. Acesso em 12 jul 2012.

KIETZMANN, J. H. et. al. Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. **Business Horizons** (2011) 54, 2011. Kelley School of Business, Indiana University.

KOTLER, Philip. **Marketing 3.0: As Forças que Estão Definindo o Novo Marketing Centrado no Ser Humano**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época**. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LOZARES, Carlos. **La teoría de redes sociales**. Papers. n. 48. 1996. Disponível em: <http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>. Acesso em: 19 de maio de 2010.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1987.

MALARD, R. **Interoperabilidade de conteúdos didáticos digitais: Uma contribuição a questão dos padrões**. Curitiba, 145 p., 2004. Dissertação Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

MESSINA, G. (1998). **Estúdio sobre el estado Del arte de la investigación acerca de la formación docente en los noventa**. México. Mimeo.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Carta de Ottawa, 1986.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Declaração de Adelaide, 1988.



- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Declaração de Alma-Ata, 1978.
- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Declaração de Jacarta, 1997.
- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Declaração de Sundsvall, 1991.
- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Declaração do México, 2000.
- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Rede de Megapaíses, 1998.
- OMS. **Organização Pan-Americana de Saúde**. Declaração de Santafé de Bogotá, 1992.
- PIMENTEL, Carmen. **Blog, da Internet à Sala de Aula**. Tese, UERJ, Letras. Rio de Janeiro: s.n, 2010.
- PRETTO, Nelson de Luca, SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder Salvador: EDUFBA, 2008.
- PRIMO, Alex. **Conflito e cooperação em interações mediadas por Computador**. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias Informacionais da Comunicação da Compós. Niterói, RJ, 2005.
- RAHME, Mônica M.F. **Laço social e educação**: um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar. Tese, USP, Educação. São Paulo : s.n., 2010.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**. Porto Editora: Sulina Alegre, 2009.
- ROCHA, E. C. (1999). **A pesquisa em educação infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações.
- ROITMAN, S. (2009). **Idosos Online**. Plantão Online, Wordpress. 2009. Disponível em <http://www.plantaonline.com/wordpress/2009/12/idosos-online-o-que-sera-que-eles-estao-fazendo/>. Acesso em 28 ago 2012.
- SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.
- SCHROCK, A. Examining social media usage: technology clusters and social network site membership. **First Monday - Reviewed journals on the Internet**. [Volume 14, Number 1 - 5 January 2009](http://frodo.lib.uic.edu/ojsjournals/index.php/fm/index). Disponível em <http://frodo.lib.uic.edu/ojsjournals/index.php/fm/index>. Acesso em: 3 de dez. 2011.
- SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura**: a comunicação e seus produtos. São Paulo: Editora Vozes, 2005.
- THEVENO, G. Blogging as a social media. **Tourism and Hospitality Research** . Vol. 7, 3/4, 282–289, 2007.



TRIVINHOS, Eugenio. **Epistemologia em Ruínas**: a implosão da teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço. In: MARTINS, Francisco & SILVA, Juremir M. (orgs.). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2001.

VERMELHO, Sonia Cristina. 2003. **Educação e virtualização**: as mídias e a formação do indivíduo. São Paulo, PUCSP, 2003. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós Graduado sem Educação: História, Política e Sociedade.

VERMELHO, S. C., Areu, G. (2005). **Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos brasileiros**. Educação e Sociedade. , v.26, p.1413 – 1434.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.